

A IMIGRAÇÃO HAITIANA NO TOCANTINS: ESTUDO DE UM GRUPO DE TRABALHADORES HAITIANOS EM GURUPI

THE HAITIAN IMMIGRATION IN TOCANTINS: STUDY OF A GROUP OF HAITIAN WORKERS IN GURUPI EIGHTEEN CENTURY

Jhon-Kelly Monacé **1**

Alex Pizzio **2**

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa que recorreu às técnicas de entrevista semiestruturada e observação participante de um grupo de trabalhadores haitianos no município de Gurupi (TO). A estrutura teórica do trabalho recorreu ao conceito de rede e os resultados permitem demonstrar que a comunidade de trabalhadores haitianos de Gurupi tende a desaparecer, porque é uma rede diaspórica isolada, que não consegue manter seus laços com o país de origem e, ao mesmo tempo, não é capaz de se conectar plenamente a outras redes nas grandes cidades brasileiras, que poderiam atuar como um intermediário na manutenção de seus laços com o país de origem.

Palavras-chave: Imigrantes Haitianos. Rede Diaspórica. Gurupi. Dekolaj.

Abstract: In this article, participant observation and semistructured interviews were used to a qualitative research about a group of Haitian workers living in the municipality of Gurupi (TO). The theoretical structure of the paper used the concept of "Network". The results showed that this community tends to disappear due to the isolated diasporic network that cannot maintain its ties to the country of origin, as well as they cannot fully interconnect with other networks in large Brazilian cities as an intermediary in maintaining their ties to the country of origin.

Keywords: Haitian Immigrants. Diasporic Network. Gurupi. Dekolaj.

Mestre em Ciências Sociais (História) pela École Normale Supérieure **1**
da Université d'État d'Haïti (Universidade do Estado do Haiti) e Doutorando em
Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4194453415071565>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0903-5544>. E-mail: jhon-kelly.monace@mail.uft.edu.br

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Vale **2**
do Rio dos Sinos - Unisinos. Coordenador do Programa de Pós-graduação em
Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Tocantins - UFT. Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/7037842339905679>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7181-6355>. E-mail: alexpizzio@gmail.com

Introdução

Desde a década 1950, o sonho migratório haitiano foi orientado principalmente para América do Norte e França, constituindo-se em uma estratégia de resposta à crise econômica e demográfica do Haiti por meio de uma migração sul-norte (AUDEBERT, 2017). Entretanto, com o passar dos anos, essa migração sul-norte tem sido dificultada em função da burocracia exigida pelas políticas migratórias do centro. Essas políticas restringem a chegada dos haitianos e, por consequência, acabam por estimular processos de migração clandestina em barcos para a América do Norte, conhecidos como *Boat People*. Paralelamente à migração sul-norte, há uma migração sul-sul de trabalhadores de classes camponesas, que se mudam buscando emprego nos países em desenvolvimento. Essas redes migratórias em direção a esses países são orientadas, em primeiro lugar, para os países vizinhos de Cuba, República Dominicana e Bahamas (ANGLADE, 1982; MIURA, 2014). Atualmente, existem redes migratórias haitianas voltadas para a América do Sul, principalmente para Chile e Brasil. Contudo, a imigração haitiana na América do Sul começou, sobretudo, a partir da década 1970.

Nessa década, em uma fase embrionária, pequenas comunidades diaspóricas haitianas foram criadas na América Latina a partir de pequenas redes migratórias. Foram identificados migrantes haitianos particularmente na Venezuela, quando a indústria do petróleo começou (ANGLADE, 1982; SARMIENTO, 2000). Em 1995, comunidades haitianas foram novamente identificadas entre as diferentes comunidades diaspóricas formadas na Venezuela, sobretudo em bairros da capital, Caracas (SARMIENTO, 2000), lá permanecendo até a crise econômica do país de acolhida. Em 2001, houve a chegada de 298 haitianos no Equador; em 2008, foram 270. Mas, com o sismo de 2010, o número aumentou consideravelmente: 1.681 haitianos foram registrados no país (MAMED; OLIVEIRA DE LIMA, 2016). No Brasil, foi possível identificar, nas bases de dados da Polícia Federal, a chegada de 15 haitianos entre 2000 e 2002. Desde então, houve aumento no número de chegadas para os triênios seguintes (2003-2005; 2006-2008), anteriores ao terremoto de 12 de janeiro de 2010. Assim, de 2000 a 2008, 135 haitianos foram registrados no Brasil (PERES, 2016).

Contudo, após o terremoto no Haiti, em 2010, houve uma intensificação das ondas de migração haitiana para a América do Sul, particularmente para o Brasil (GRANGER, 2014; BAENINGER; PERES, 2017; SILVA, 2015). Assim, naquele ano, chegou à fronteira brasileiro-peruana (FERNANDES; FARIA, 2016), no estado do Amazonas, uma pequena rede de 200 haitianos buscando o *status* de refugiados (SILVA, 2015). De 2010 a 2014, os fluxos migratórios aumentaram e abriram outros pontos de entrada no Brasil. Na época, 7.062 haitianos entraram na região Sudeste, enquanto o Sul do país recebeu 7.790. A região Norte recebeu 2.945 haitianos, dos quais 1.636 entraram no país pelo Amazonas; 809, por Rondônia; 459, pelo Amapá; e apenas 2 entraram pelo Tocantins (BAENINGER; PERES, 2017). Houve uma concentração dos haitianos nas grandes regiões metropolitanas, o que chamou a atenção dos pesquisadores.

Alguns pesquisadores traçaram as redes migratórias que levaram à constituição dessas comunidades diaspóricas (AUDEBERT, 2017; SILVA, 2015; GRANGER, 2014; THOMAZ, 2013; FERNANDES; FARIA, 2016), enquanto outros apresentaram pesquisas demográficas, socioantropológicas e econômicas das comunidades diaspóricas já integradas e inseridas em regiões bem definidas das principais cidades brasileiras (HANDERSON, 2015; FERNANDES, 2017; MAGALHÃES, 2017; BAENINGER; PERES, 2017; SILVA, 2016; MAGALHÃES; BAENINGER, 2016). No entanto, até o momento, há poucos que estudem ou tenham interesse em estudar grupos menores de migrantes que se mudaram para pequenas cidades ou áreas rurais de regiões menos desenvolvidas e menos atrativas do Brasil. Este é o caso dos grupos menores que foram para o estado do Tocantins.

Após uma busca nas plataformas Scielo, Scopus e Google Acadêmico, verificou-se a inexistência, até o ano de 2018, de pesquisas que abordassem a migração haitiana para o Tocantins. Também não consta que tenha sido objeto de pesquisa a presença dos 31 haitianos no município de Alvorada, no sul do estado, os quais foram chamados para trabalhar em um frigorífico, visto que a empresa enfrentava um problema de mão de obra (HAITIANOS, 2013). Porém, dados recentes da Polícia Federal apontam que o número de haitianos nesse município diminuiu (BRASIL, 2018).

Neste artigo, buscamos compreender os motivos que conduziram a uma redução da comunidade de trabalhadores haitianos no município de Gurupi e entender os entraves à sua ampliação. Dito de outro modo, a questão deste trabalho é: por que a pequena comunidade de trabalhadores haitianos em Gurupi tende ao desaparecimento do grupo em vez de atrair novos fluxos migratórios?

Adoptando-nos a noção de *Weak Ties* – Laços fracos – de Granovetter (1973), partimos da hipótese de que a comunidade haitiana de Gurupi tende a desaparecer, por se tratar de uma rede diaspórica isolada que, por um lado, não consegue manter a totalidade de seus laços com o país de origem (laços fortes) e, por outro, não é capaz de se conectar plenamente a outras redes (laços fracos) nas grandes cidades, como forma intermediária de manutenção de seus laços com o país de origem – especialmente para as remessas de *kòb* (dinheiro, em crioulo haitiano). A não manutenção dos laços da rede isolada com o país de origem implica o desaparecimento da rede migratória, que termina absorvida por outras comunidades mais fortes.

Na perspectiva acima, o conceito de “redes” constitui-se em importante variável analítica, uma vez que permite abordar as múltiplas estruturas nas quais os indivíduos estão inseridos e participam simultaneamente (DE LA CRUZ, 2016). Em contextos migratórios, há o conceito de *redes diaspóricas*, as quais se caracterizam, por um lado, pelos laços mantidos entre os imigrantes e o país de origem – laços fortes –, e, por outro lado, por todas as relações estabelecidas pelos expatriados entre eles fora do país de origem – laços fracos (BUGA, 2011). Nesse sentido, como veremos, os migrantes haitianos de Gurupi formaram uma rede diaspórica menor em comparação a outras redes que se espalham no Brasil.

Procuramos descrever a trajetória migratória dos trabalhadores haitianos do país de origem até Gurupi. Também descrevemos como esse grupo não conseguiu superar esses problemas por meio de laços que desenvolve com outras redes de migrantes haitianos inseridos nas grandes regiões metropolitanas do Brasil.

Como parte deste trabalho, foi solicitado à Polícia Federal o acesso aos dados quantitativos relacionados à imigração haitiana para o Tocantins. Também foram coletados dados por meio de trabalho de campo realizado no segundo semestre de 2018. Além disso, foram realizadas entrevistas com quatro trabalhadores no dia 15 de dezembro de 2018. Cabe destacar que as entrevistas foram realizadas na língua nativa dos migrantes, o crioulo haitiano, língua oficial no Haiti, e foram traduzidas pelos autores para citação neste artigo.

A presença de migrantes haitianos no Tocantins

Nos estudos sobre a migração haitiana no Brasil, a tríplice fronteira entre Peru, Colômbia e Brasil foi identificada como a principal porta de entrada para a imigração clandestina dos haitianos. No entanto, essa fronteira não é a única porta de entrada. De acordo com informações obtidas nas entrevistas realizadas, a migração dos trabalhadores haitianos para o Tocantins e, particularmente, Gurupi forneceu elementos suficientes para traçar um novo percurso migratório que existia na Venezuela paralelamente ao da tríplice fronteira.

No caso da imigração haitiana para o Tocantins, encontramos haitianos que residiram na Venezuela antes de chegar ao Brasil. Sua travessia entre Venezuela e Brasil iniciou-se em 2014 e foi facilitada por uma rede diaspórica razoavelmente forte, oriunda de diversas regiões do Haiti e que já havia se estabelecido anteriormente em Manaus, importante ponto de encontro entre os haitianos que chegam ao Brasil. Seja por meio de migração formal, com visto de entrada, ou de forma clandestina, em ambos os casos, há a presença de uma forma de solidariedade entre os migrantes que facilita o trânsito de trabalhadores haitianos entre Manaus e Tocantins.

Alvorada foi o primeiro município do Tocantins a receber haitianos. Em 2013, este município recebeu 31 haitianos (HAITIANOS..., 2013). Por sua vez, a migração para Gurupi ocorreu com um grupo de 34 trabalhadores haitianos em 2014. Entretanto, no período de 2014 a 2018, houve uma redução considerável no número de migrantes haitianos no Tocantins. Segundo dados da Polícia Federal (BRASIL, 2018), entre 2015 e 2018, apenas 20 haitianos moravam no Tocantins (Tabela 1).

Tabela 1. Número de haitianos registrados na Polícia Federal no Tocantins

Ano	Homens	Mulheres	Total
2015	6	0	6
2016	6	5	11
2017	2	0	2
2018	0	1	1
Total	14	6	20

Fonte: Ofício nº 68/2018 DELEMIG/DREX/SR/PF/TO (BRASIL, 2018). Elaboração própria.

De cerca de 70 migrantes divididos entre esses dois municípios em 2014, o número de haitianos no Tocantins diminuiu e passou a 20 em 2018. Conforme se observa na Tabela 2, dados recentes indicam que os haitianos estão distribuídos atualmente em cinco municípios do Tocantins (BRASIL, 2018).

Tabela 2. Distribuição de haitianos nos municípios tocantinenses

Município	Total
Alvorada	5
Gurupi	6
Lajeado	2
Palmas	4
Porto Nacional	3

Fonte: Ofício nº 68/2018 DELEMIG/DREX/SR/PF/TO (BRASIL, 2018). Elaboração própria.

Trabalhadores haitianos em Gurupi: “*kote dlo a koule pi fre a, se la nou prale*”¹

Gurupi é um município do Estado do Tocantins com uma população estimada em 76.755 de pessoas e localizado a 90 km de Palmas, a capital (IBGE, 2018). Entre as atividades produtivas do município destaca-se o agronegócio. Gurupi tem uma área de 1.836,10 km². Seu produto interno bruto (PIB) *per capita* é de R \$ 22.038,53 (dados de 2015) e o índice de desenvolvimento municipal é de 0,759 (dados de 2010). Em 2015, o salário médio mensal foi o dobro do salário mínimo brasileiro, e 18,2% da população total têm uma ocupação econômica (IBGE, 2018).

Em 2014, havia em Gurupi 34 haitianos que vieram de Manaus, mas atualmente há apenas cinco trabalhadores haitianos no município (BRASIL, 2018). Segundo as informações obtidas por meio das entrevistas realizadas na pesquisa, esses trabalhadores chegaram a Gurupi por solicitação dos administradores de um figurífico que enfrentava problemas para conseguir mão de obra. No início, a empresa oferecia o que os trabalhadores procuravam para sobreviver e se estabilizar economicamente no Brasil. Em Manaus os migrantes tiveram acesso ao Cadastro de Pessoa Física (CPF) e, chegando a Gurupi, a empresa acompanhou os trabalhadores haitianos no processo de obtenção do Registro Nacional de Estrangeiro (RNE, atual Registro Nacional Migratório – RNM) na Polícia Federal em Palmas. A empresa também os acompanhou na obtenção da Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) e os abrigou temporariamente em pousadas na cidade enquanto aguardava por sua autonomia. Os migrantes começaram

¹ “Nós vamos onde há água fresca que está fluindo” (tradução nossa).

a trabalhar para a empresa depois de receber a Carteira de Trabalho, em 25 de fevereiro de 2014. Mas, onde eles estiveram antes de chegar a Gurupi? Qual foi o trajeto percorrido nessa viagem?

Na origem, essa rede diaspórica foi formada por antigos pares e amigos. A história desse grupo e seus diferentes laços foi mais ou menos reconstituída pelos quatro trabalhadores que entrevistamos. Eles são membros de uma mesma família extensa, de origem camponesa, e têm entre 34 e 42 anos de idade. Essa não foi a primeira experiência migratória desse grupo de trabalhadores.

No início, o destino dos haitianos de Gurupi não era o Brasil. A maioria deles já deixou o Haiti antes de 2010, ano do terremoto que devastou a capital do país. Sua presença em Gurupi é uma migração em movimento. O objetivo inicial da migração é buscar uma vida melhor: *“Kote dlo a koule pi fre a, se la nou prale. Se lavi n ap chèche”* (“Nós vamos onde há água fresca que está fluindo. Buscamos a vida.”). Essa expressão é usada pelos haitianos que encontramos em Gurupi para indicar que eles não estão muito apegados ao modo de vida dos lugares em que se estabeleceram. Eles estão procurando um ambiente de trabalho que ofereça melhores oportunidades para cuidar de suas famílias. É essa migração em movimento que os leva a Gurupi.

Os entrevistados foram primeiramente à Venezuela, mas explicam que houve um longo processo que os levou até lá. Cada um tinha um motivo diferente que explicava sua emigração. Os quatro migrantes entrevistados relataram que são de uma mesma família rural extensa. Dois deles nunca foram à escola e apenas sabem escrever seu nome, enquanto os outros dois não completaram o ensino fundamental. Enfrentaram situações econômicas extremamente difíceis antes de tomar a decisão de migrar. Em resposta a essas dificuldades, primeiramente, eles deixaram a aldeia de sua região para se estabelecer em outras aldeias cuja principal atividade econômica é a agricultura.

O trajeto percorrido pelos haitianos para chegar à Venezuela é praticamente o mesmo para todos. Depois de tomar medidas para obter um passaporte e um visto venezuelano, o próximo passo é mobilizar recursos econômicos suficientes para sobreviver durante a viagem e instalar-se na Venezuela. Na véspera da viagem, os emigrantes deixaram sua aldeia e seguiram para Porto Príncipe, dando início à migração em si. De Porto Príncipe, pegaram um voo para o Panamá e de lá partiram para Caracas. Outros emigrantes, por questões de custos, optaram por seguir de ônibus para Porto Príncipe e de lá para Santo Domingo, capital da República Dominicana. Essa última rota é a mais econômica. De Santo Domingo, o emigrante voou para Caracas passando na cidade Panamá. A primeira opção foi a escolha de Dieubon.

Dieubon, homem, completava seus 42 anos no momento da entrevista. Deixou sua aldeia natal na Ile de la Gonève quando era criança e foi morar com seu pai em Marchand-Dessalines, uma cidade do departamento² de Artibonite (Haiti), e por lá se estabeleceram até 2008. Ele é membro de uma família de nove filhos, dos quais dois são residentes em outros países. Seus irmãos no Haiti mantêm atividades econômicas que lhes permitem suprir suas necessidades básicas. Dieubon foi casado em Marchand-Dessalines e é pai de três meninas. Quando ainda vivia em seu país natal, trabalhou como pedreiro e agricultor. A forte crise econômica de 2008 ocasionou uma grave crise social no país. Inserido nesse contexto de privação e diante da incapacidade de suprir as necessidades básicas de sua família, Dieubon optou pela migração. Os recursos econômicos necessários para seguir para outro país em busca de novas e melhores oportunidades de vida foram obtidos por meio da venda da modesta casa da família em Marchand-Dessalines.

Para organizar a viagem, ele entrou em contato com um *raketè* que conhecia o trajeto percorrido pelos migrantes clandestinos haitianos para chegar à Venezuela. *Raketè* significa qualquer pessoa que receba dinheiro de outra para realizar vários tipos de transações ou serviços na informalidade ou de forma inadequada para lucrar com isso (JOSEPH, 2015). Também

² O Haiti é um Estado unitário, que se divide administrativamente em dez departamentos geográficos, os quais têm sentido similar ao que as unidades da Federação possuem na divisão administrativa do Brasil. A diferença é que os departamentos não têm governo. Cada departamento tem uma cidade principal, que é sua capital administrativa, além de outros municípios.

conhecidos como “coiote”,³ os *raketè* se organizam em uma rede de viagens clandestinas – “*rezo raketè*” ou “*ajans*” (agência) em crioulo haitiano. Essa rede possui recursos humanos operando nas fronteiras do Brasil e de outros países do mundo e da América Latina. Para ser migrado, o interessado tem de pagar os *ajans*, e assim arrisca seu dinheiro confiando no *raketè* principal. É o que fez Dieubon, como ele mesmo conta:

Quando eu estava no Haiti, eu trabalhei como pedreiro. Eu tive que deixar o país porque a situação econômica era difícil. Eu sei porque saí do Haiti. Os haitianos foram em busca de uma vida melhor: é o que eu faço também. O país não nos dá oportunidades suficientes para cuidar de nossas famílias. Somos forçados a deixar esse país que não nos oferece absolutamente nada. No que diz respeito à minha viagem, comprei um visto por US\$ 2.500 dólares de um *raketè* que conhece perfeitamente o sistema de viagem clandestina (chamado *vwayaj raketè*). Na verdade, não confiava no *raketè*. Mas, como eu estava precisando, tive que assumir o risco. Felizmente, ele conseguiu me fazer viajar sem complicação. Cheguei à Venezuela em 8 de novembro de 2008. Em 2011, fui ao Haiti para ver minha família. Depois voltei de novo para a Venezuela (informação verbal).⁴

Dieubon estabeleceu-se facilmente em um bairro de Caracas e encontrou um emprego como pedreiro. Ele se juntou a uma comunidade haitiana que já havia se estabelecido em Caracas e mantinha relações com o Haiti. Entre 2008 e 2011, Dieubon trabalhou e economizou o suficiente para cuidar de sua família. Foi fácil para ele ajudar seu primo Edouard a entrar na Venezuela.

Edouard tem 40 anos e é pai de uma família de três filhos. Como Dieubon, seus pais são da Ile de la Gonâve. Porém, seus pais deixaram a aldeia antes de seu nascimento para se estabelecer em Saut-d’Eau, um município do departamento do Centro, um dos dez departamentos geográficos do país. Edouard não conhecia pessoalmente Dieubon quando estava no Haiti, pois, apesar de parentes, não moravam na mesma aldeia. Mas, desde a infância, seu pai lhe falava do primo chamado Dieubon. Edouard é membro de uma família de oito filhos, dos quais dois residem em outros países: ele, Edouard, que está no Brasil; e seu irmão, que está no Chile. Seus outros irmãos moram no Haiti.

Edouard era fabricante de jóias quando morava no Haiti, e estava passando por dificuldades no início de 2008. Em dezembro, ele foi à aldeia natal de seus pais, na Ile de la Gonâve, quando foi informado de que seu primo Dieubon estava partindo para a Venezuela e havia encontrado um bom emprego lá. Edouard entrou em contato com Dieubon para explicar que estava em uma situação econômica difícil e por isso também queria ir para a Venezuela. Assim, Dieubon desempenhou o papel de intermediário ao colocar seu primo em contato com o mesmo *raketè* que organizou sua viagem. Graças a esse *raketè*, em janeiro de 2009, Edouard se juntou a Dieubon em Caracas.

Edouard explica:

Quando eu estava no Haiti, eu nem conhecia Dieubon porque não morávamos no mesmo lugar. Eu só ouvi falar que ele existia porque meu pai sempre dizia que eu tinha um

3 Designação utilizada em outros países. Nos Estados Unidos da América, a expressão é utilizada para designar os sujeitos que promovem, de maneira clandestina, o ingresso de migrantes pela fronteira do México em direção àquele país. Geralmente, os coiotes são mexicanos que cobram muito caro para atravessar os migrantes clandestinos mexicanos para os Estados Unidos através da fronteira (ASSIS, 2008).

4 No original: “Lè m te Ayiti m te travay kòm bòs mason. M te oblije kite peyi a paske bagay yo pat bon pou mwen menm. M konn poukisa m kite Ayiti. Tout Ayisyen ki aletranje se lavi miyò yo vin chèche nan peyi blan menm jan avè m. Gen de opòtinite peyi nou an pa ofri nou. Nou oblije met kò n deyò. M achte yon viza pou US 2500,00 dola nan men yon raketè ki fò nan fè vwayaj raketè. M pa te fè l konfyans vre. Men kòm mwen te nan bezwen m oblije pran risk la. Chans pou mwen sa te byen pase. M antre Venezyela depi 8 novanm 2008. An 2011, m te tounen al wè fanmi m an Ayiti. Apre sa, m retounen Venezyela anko.”

primo chamado Dieubon. Uma vez, enquanto passava por La Gonave, ouvi dizer que ele tinha acabado de viajar para a Venezuela e já achou um emprego, enquanto eu estava em dificuldades econômicas no Haiti. Mesmo que sem conhecê-lo antes, tinha que dizer a ele para me ajudar a sair dessa miséria. Então eu tive que lidar com a minha viagem. Mas meu primo organizou tudo. Ele me deu o contato do *raketè*, que me vendeu o visto e organizou a viagem. Eu comprei meu visto por US\$ 3.000. Finalmente, cheguei à Venezuela no final de janeiro de 2009. E a primeira vez que eu vi meu primo foi na Venezuela (informação verbal).⁵

Os laços entre Dieubon e Edouard são laços familiares. Mas, no início, os laços que existiam entre eles eram fracos, semelhantes aos que poderiam ser estabelecidos com antigos colegas. Nessa relação entre três membros de uma mesma família extensa, observamos então os laços fracos, no sentido de Granovetter (1973): menos densos, menos emocionais, menos frequentes do que laços sociais fortes, que seriam mais ricos em conteúdo de informação e suficientes para facilitar a emigração de Edouard.

Por sua vez, Fanfan, homem de 34 anos e pai de dois filhos no Haiti, escolheu a primeira opção para entrar na Venezuela, introduzindo um novo elemento, que será aqui descrito. Fanfan é membro de uma família de sete filhos, dos quais apenas dois permanecem no Haiti. Ele cuida de sua irmãzinha que mora no Haiti e envia dinheiro regularmente para ela. Seu pai e mãe estavam na Venezuela, mas, no momento da pesquisa de campo, residiam em Martinica, território ultramarino da França. Os três outros membros de sua família estão no Chile. Fanfan é primo de Ferrier, com quem mora em Gurupi atualmente.

Ferrier é um homem de 36 anos, pai de um filho no Haiti. É membro de uma família de quatro filhos, dos quais dois vivem em outros países. Seus pais moram no Haiti e um de seus irmãos está no Chile. Fanfan e Ferrier tiveram que deixar sua aldeia natal na Ile de la Gonave em 2007 para se mudar para Archaie em busca de uma vida melhor. Eles não tinham um trabalho bem definido, mas já eram trabalhadores agrícolas na Ile de Gonave. Em Archaie, além das atividades agrícolas, passaram a atuar também no comércio informal de itens de necessidade básica, como ele relata:

Eu estava vivendo uma vida extremamente difícil em La Gonave. Eu não aguentava mais. Eu tive que ir a Archaie para encontrar um trabalho. Mas foi difícil. Na localidade onde eu estava, não havia eletricidade. As pessoas da aldeia usavam lâmpadas de querosene ou uma "*lanp tèt gridap*" para iluminação doméstica. Na verdade, o querosene tem sido um elemento básico para a população local. Finalmente, no começo da noite, eu fazia um pequeno negócio como revendedor de querosene. Mas, durante o dia, trabalhava nos campos agrícolas. Eu também trabalhei minha própria terra. Eu também era vendedor ambulante de frutas. Eram atividades que me desvalorizaram muito diante da minha própria família e outras pessoas da aldeia. Mas não tive outra escolha. Fiquei na aldeia até o sismo (informação verbal).⁶

5 No original: "Lè m te Ayiti m pat menm konn Dieubon paske n pat rete menm kote. M te jis konn tande pale de li paske papa m te toujou di m gen yon kouzen ki rele konsa. Yon lè pandan m pase La Gonave, m tande yo di m misye fèk al Venezuela e l gentan jwenn travay tandiske mwen te la m ap pase mizè. Menm lè m pat janm rekonèt li avan m oblije di misye fè yon jan pou l ede m soti nan mizè sa a Ayiti. Apresa, m oblije met kòb mwen deyò pou m fè vwayaj la. Men se misye ki sanse te regle tout bagay. Se li ki te ban m raketè ki vann mwen viza a. M achte viza m nan 3000 dola US. Finalman m antre Venezuela nan fen mwa janvyè 2009. E se Venezuela m resi wè kouzen m nan pou premye fwa."

6 No original: "Mwen te ap viv yon lavi trè difisil nan La Gonave. Mwen pa t' kapab sipòte move lavi sa a ankò. Mwen te oblije rantrè vin chèche travay Archaie. Men, li te difisil. Vilaj kote mwen te ye a pa gen okenn elektrisite. Moun ki nan vilaj la te itilize lanp kewozèn oswa yon lanp « tèt gridap » pou ekleraj lakay yo. An reyalyite, kewozèn te yon bagay enpòtan anpil pou moun lokalite a. Finalman, chak lè lanjèl la tonbe, mwen te fè yon ti komès pwomenn gaz kewozèn. Men, pandan lajounen, mwen te travay nan jaden. Mwen menm mwen te travay pwòp

Ao contrário de outros migrantes, Fanfan e Ferrier emigraram para a Venezuela após o terremoto. No caso particular de Fanfan, ele não podia mais aguentar a vida difícil que levava no Haiti enquanto seu pai vivia na Venezuela desde 1998. O pai de Fanfan nunca o apoiou: após o terremoto, transferiu US\$ 1.000,00 para seu filho mais velho, enquanto ignorava Fanfan, que vivia em uma situação econômica muito vulnerável. Fanfan enfim entrou em contato com seu pai para explicar sua situação econômica e pedir ajuda para sobreviver à vida de miséria que levava. Seu pai então se ofereceu para financiar sua viagem para a Venezuela e o colocou em contato com um *raketè* especializado em um tipo de viagem clandestina chamada *dekolaj*.

Dekolaj refere-se a fazer uma pessoa viajar com o passaporte e o visto de outra pessoa substituindo a foto de uma pela foto da outra na primeira página do passaporte. No contexto das viagens clandestinas, o *dekolaj* é uma palavra do crioulo haitiano derivada do verbo *deko-le*, que significa “dissociar ou separar o que está ligado a um objeto”. De fato, no contexto da viagem, o *raketè* dissocia a foto de um indivíduo com um visto de seu passaporte para anexar a foto de quem quer viajar para a Venezuela. Esse tipo de viagem clandestina tem sido muito popular nas redes de migração entre o Haiti e a Venezuela. Sob a influência de outros migrantes e dos *raketè*, muitos haitianos que querem entrar na Venezuela escolhem a opção de *dekolaj* porque requer menos tempo. Solicitar um visto das autoridades consulares venezuelanas demanda muito mais tempo e pode ser recusado, enquanto que, com a opção de *dekolaj*, a pessoa pode estar no Haiti hoje e estar em Caracas no dia seguinte. Analisando a situação, Fanfan conta que optou pelo *dekolaj* para tentar entrar na Venezuela:

Depois de explicar ao meu pai sobre minha situação vulnerável, ele tomou a decisão de financiar minha viagem à Venezuela. Ele me pediu para fazer quatro fotos do tamanho de passaporte. Ele me colocou em contato com um *raketè*. Em menos de um mês, o *raketè* organizou minha viagem em *dekolaj*. Entrei em Porto Príncipe, comprei uma passagem de avião. Voei de Porto Príncipe para o Panamá e de Panamá para Caracas. Mas quando cheguei ao aeroporto de Caracas, as autoridades descobriram que eu não estava viajando com meu próprio passaporte. Eles me prenderam e depois me deportaram para o Panamá e depois para Porto Príncipe [risada]. Então, perdi o dinheiro que gastei e não alcancei meu objetivo (informação verbal).⁷

Fanfan não foi bem-sucedido em sua primeira tentativa usando o *dekolaj*. Foi forçado a retornar a Arcahaie e retomar suas antigas atividades econômicas, tentando sobreviver e economizar o suficiente para tentar um novo *dekolaj* para retornar à Venezuela. Ele não abandonou seu plano de ir para a Venezuela, pois seu pai estava esperando por ele, por isso, trabalhou e economizou dinheiro para tentar um segundo *dekolaj*. No entanto, três meses depois de sua primeira tentativa, seu pai lhe enviou dinheiro para continuar seu sonho migratório. Finalmente, em maio de 2010, Fanfan entrou novamente na Venezuela.

Chegando à Venezuela, Fanfan se juntou a seu pai e conseguiu encontrar um emprego em Caracas na mesma empresa em que trabalhavam Dieubon e Edouard. Todos os três são membros da mesma família extensa. Estabilizando-se economicamente e integrando o mercado de trabalho, Fanfan ajudou Ferrier, seu primo, a entrar na Venezuela usando o mesmo *dekolaj*, como forma de contornar o processo legal de viagens.

Na migração sul-sul, a Venezuela tem sido um país muito atraente para os haitianos.

ti moso tè pa mwen tou. Men, lè mwen pa te nan aktivite jaden m te konn al pwonmennen fwi nan lari. Mòd travay sa yo te fè menm pwòp fanmi m ak lòt moun sou katye a gade m mal. Men m pa te gen lòt chwa. M te rete nan zòn nan jiskaske goudougougou an te pase.”

7 No original: “Aprè m fin eksplike papa m ki mizè m ap pase li pran desizyon pou fè m rantre jwenn li Venezyela. Li jis di m al fè 4 foto paspò. Li ban m kontak yon raketè ki jis fè yon dekolaj pou mwen. M rantre Pòtoprens, m achte biyè avyon. Yon mwa pa pase m pran avyon Pòtoprens pou Panama epi de Panama pou m antre Caracas. Men lè m rive nan ayewopò Caracas la otorite yo dekouvri m pa te vwayaje sou pwòp paspò m. Yo mete m anba kòd epi yo depòte m [misyè ri]. Yo voye m tounen Panama. Apre sa yo anbake m pou Pòtoprens. Konsa, m te tou pèdi kòb vwayaj sa a e pa te atenn objektif mwen.”

Como resultado, uma forte comunidade diaspórica haitiana estabeleceu-se antes do terremoto até que Nicolas Maduro chegou ao poder. Os haitianos descreveram a morte de Hugo Chávez e a posse de Maduro como o início de uma grande crise na Venezuela – e contra os imigrantes em particular. Esse evento coincidiu com o declínio socioeconômico da Venezuela, com forte aumento da pobreza, inflação e fome, que colocou os imigrantes haitianos em uma situação difícil, levando-os a migrar para outros países. Em 2014, com o endurecimento do declínio econômico da Venezuela, alguns imigrantes haitianos decidiram se refugiar no Brasil. Foi nesse contexto específico que os trabalhadores haitianos atualmente em Gurupi e outros grupos de migrantes haitianos cruzaram as fronteiras entre a Venezuela e o Brasil em busca de uma vida melhor. Sua travessia foi facilitada pela presença de uma comunidade diaspórica haitiana que já era bastante forte no Brasil no início de 2014. Muitos migrantes que cruzavam a fronteira tinham pessoas que os esperavam em Manaus para recebê-los e acompanhá-los à Polícia Federal para o processo de emissão de documentos que lhes permitissem residir no Brasil e ter a Carteira de Trabalho.

Segundo os migrantes, a trajetória para chegar ao Brasil foi longa e difícil. Os haitianos partiram de Caracas em pequenos grupos para cruzar cerca de 2.269 quilômetros de ônibus até Manaus, numa viagem que dura pelo menos três dias. No entanto, para esse cruzamento, organizaram-se em pequenos grupos de viajantes e dispensaram o serviço de um *raketè* na maioria dos casos. Eles pegaram a rodovia Troncal 10 em direção à fronteira da Venezuela com o Brasil. Atravessaram toda a Venezuela, passando por várias cidades, incluindo Ciudad Guayana, Guasipati, El Dorado, Las Claritas, São Francisco de Yuruaní e Santa Elena de Uairén. Santa Elena é a última cidade venezuelana antes de cruzar a fronteira com o Brasil e chegar ao estado de Roraima. Mas, antes, havia um controle final das autoridades de fronteira venezuelanas, o que forçava os migrantes a negociar a entrada na clandestinidade e a dar dinheiro caso não tivessem visto, como relata Ferrier:

Há muitos haitianos que foram à Venezuela, mas que entraram no Brasil no início da crise. Da Venezuela ao Brasil, a viagem foi muito cansativa. Mas, para atravessar a fronteira, não tivemos muitos problemas. Quando as pessoas chegam à fronteira, se tiverem visto, as autoridades venezuelanas verificam seu passaporte com a aposição de um selo para registrar sua saída, e então elas podem entrar no Brasil. Mas se a pessoa não tem visto, era obrigatório pagar os venezuelanos, que pegavam esse dinheiro ilegalmente. Uma vez dado dinheiro, a pessoa é livre para atravessar a fronteira. No que me diz respeito, quando cheguei à fronteira, não tinha visto. Eu apenas dei um pouco de dinheiro e passei (informação verbal).⁸

Na fronteira, não havia controle sobre o território brasileiro. Era só pegar um táxi até a próxima rodoviária e comprar uma passagem para Manaus pela BR-174, passando por Boa Vista, capital de Roraima, Caracará e Rorainópolis. Foi em Manaus que os haitianos declararam pela primeira vez sua entrada no Brasil. Amigos ou outros haitianos os acompanharam até a Polícia Federal para os procedimentos administrativos necessários. Os haitianos que deixaram a Venezuela finalmente chegaram a Manaus e, então, vieram reforçar os grupos de migrantes haitianos de diferentes rotas migratórias que já estiveram lá.

Manaus foi um ponto de entrada muito importante até 2014, quando recebeu 8 mil haitianos – a maioria dos quais em busca de emprego –, que permaneceram lá pouco antes de encontrar outros grupos de haitianos em outros estados: Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, entre outros (SILVA, 2016).

8 No original: "Gen anpil Ayisyen ki te Venezyela ki lage kò yo Brezil. Soti Venezyela pou rantre Brezil bay anpil fatig. Men li pa two difisil pase sa. Lè moun nan rive sou fwontyè, si chans pou li li te gen viza, l ap jis tcheke nan pòs kontwòl fwontyè Venezyelyen yo genyen sou fwontyè a apresa li rantre Brezil. Men, si moun nan pa gen viza sou paspò l, fòk li gen yon bon ti kòb nan men l paske Venezyelyen yo pap kite l pase san peye. Yo pran kòb anba tab nan men Ayisyen yo. Depi w ba yo kòb y ap kite w travèse fwontyè a. Mwen menm lè m te rive sou fwontyè a m pa te gen viza. M jis rale paspò m epi m bay Venezyelyen yo lajan yo mande a epi yo kite m pase."

Manaus era a sede de um banco de imigrantes haitianos em busca de trabalho, por meio do qual empresas de diversas origens podiam contratá-los. Foi nessas condições que um grupo de 34 haitianos que partiu da Venezuela foi recrutado por um frigorífico de Gurupi. Os administradores do frigorífico foram buscar os haitianos em Manaus.

A empresa garantiu a viagem dos trabalhadores de Manaus a Gurupi, como foi o caso dos migrantes de Alvorada. É a partir desse contexto particular que uma pequena comunidade de migrantes haitianos se estabeleceu em Gurupi para iniciar uma nova experiência migratória em busca de uma vida melhor.

O grupo dos trabalhadores haitianos em Gurupi e seu desaparecimento

Como já mencionado, chegando a Gurupi, a empresa acompanhou os trabalhadores haitianos no processo de obtenção do Registro Nacional de Estrangeiro (RNE, atual Registro Nacional Migratório – RNM) na Polícia Federal em Palmas. A empresa também os acompanhou na obtenção da Carteira de Trabalho e os abrigou temporariamente em pousadas da cidade. Os haitianos começaram a trabalhar para a empresa em 25 de fevereiro de 2014.

Ao longo do tempo, a comunidade haitiana de trabalhadores em Gurupi desapareceu. No início, constituiu-se numa rede diaspórica isolada, que não conseguiu manter a totalidade de seus laços com país de origem (laços fortes). Ao mesmo tempo, não foi capaz de se conectar plenamente a outras redes (laços fracos) nas grandes cidades, que poderiam funcionar como intermediárias na manutenção de seus laços com o país de origem, especialmente para a transferência de *kòb* (dinheiro, em crioulo haitiano). Há diversas razões que explicam o isolamento dessa rede diaspórica.

Primeiramente, Gurupi não oferece muitas oportunidades de emprego e não é um município suficientemente estruturado para atrair novos fluxos migratórios de haitianos. O único mercado de trabalho real para os migrantes é o frigorífico. Consequentemente, Gurupi não está na lista de destinos para a migração haitiana. Recebeu apenas o “transbordamento” da migração daqueles que acharam difícil encontrar um emprego em outras cidades de outros estados mais atraentes, diversificando seu mercado de trabalho.

Todos os trabalhadores haitianos que estão em Gurupi têm o mesmo empregador. Não há outras oportunidades. Somos totalmente dependentes dessa empresa [nome da empresa] que trabalha no processamento de carne. Acho que é o maior empregador de Gurupi e talvez, o maior do Tocantins. Se fechar um dia, teremos que sair de Gurupi. Se isso acontecer um dia, especialmente eu, voltarei ao Haiti para visitar minha família pela primeira vez depois da experiência da Venezuela. Depois disso, irei para os Estados Unidos, se for possível. Se não, voltarei ao Brasil, mas desta vez para uma grande cidade em outro estado que oferece mais oportunidade de emprego (Dieubon, informação verbal).⁹

Os 34 migrantes de Gurupi eram principalmente trabalhadores manuais, que trabalhavam no posto de açougueiro e dissecavam a carne para o frigorífico. Eles recebiam um salário médio de R\$ 1.010,00 – pouco acima do salário mínimo nacional, que era de R\$ 937,00. Desse salário, os trabalhadores tinham de pagar o aluguel, estimado em cerca de R\$ 350,00 por mês. Além das despesas com o aluguel, era necessário incluir os gastos com energia (mais de R\$ 50,00), água potável (mais de R\$ 50,00), gás (R\$ 83,00) e internet. Desse modo, as despesas

9 No original: “Tout travayè ayisyen ki nan Gurupi gen menm patwon. Pa gen okenn lòt opòtinite. Nou totalman depann de konpayi [non konpayi] sa a k ap travay nan transfòmasyon vyann. Mwen panse li se pi gwo patwon nan zòn Gurupi a e petèt menm tout Tocantins nan. Si li fèmen yon jou, n ap oblije kite Gurupi. Si sa rive yon jou, mwen menm espesyalman, mwen ap retounen Ayiti pou m al vizite fanmi mwen pou yon premye fwa apre eksperyans Venezelya a. Apre sa, m ap ale Etazini si sa posib. Si sa pa posib, m ap retounen Brezil, men fwa sa a, m pral rete nan yon gran vil ki nan yon Eta ki gen plis djòb.”

fixas de um migrante são estimadas em cerca de R\$ 650,00 por mês. Uma parte do salário é economizada e o restante é enviado ao Haiti para sustentar suas famílias. Os trabalhadores haitianos que encontramos em Gurupi enviavam mensalmente dinheiro para suas famílias. Eles enviam entre R\$ 200,00 e R\$ 600,00 por vez, dependendo da necessidade. O valor do dinheiro que era transferido dependia conforme as razões do envio: educação, casamento, funeral, ajuda aos amigos em dificuldades econômicas. No entanto, encontrar um emprego para enviar dinheiro ao Haiti era uma condição necessária, mas não suficiente para que os trabalhadores permanecessem definitivamente em Gurupi.

Transferir dinheiro é um ato fundamental, que fortalece os laços entre os imigrantes e suas famílias no Haiti. Esse ato está inserido em um universo social que lhe confere significados sociais e classificam as diferentes remessas de recursos da diáspora haitiana (JOSEPH, 2015). Nesse sentido, a remessa de dinheiro é a confirmação do novo *status* do imigrante diante de sua família e seu país. Entretanto, Gurupi não tinha casa de câmbio que viabilizasse a transferência de dinheiro. Para superar essa dificuldade no envio de recursos, os trabalhadores de Gurupi eram obrigados a entrar em contato com outros haitianos localizados em cidades de outros estados para que pudessem atuar como intermediários e transferir os valores em seu lugar. O dinheiro nunca chegava ao Haiti em nome de quem o enviava realmente. Esse fato enfraquecia os “laços fortes” entre os imigrantes e suas famílias.

Não há casa de câmbio aqui em Gurupi. Para transferir dinheiro para minha família, entro em contato com um ex-colega que trabalhava aqui no figurífico, mas atualmente mora em Santa Catarina. Onde ele mora, existem várias opções de casa de câmbio. Eu lhe envio o dinheiro e ele transfere para minha família. Mas o dinheiro nunca chegou ao Haiti pelo meu próprio nome. E isso é um grande problema para mim e para muitos outros haitianos. Esta é uma das razões pelas quais os haitianos deixaram Gurupi. Eles não se sentem muito presentes em sua própria família. Mas, apesar deste problema, aceito ficar aqui (Edouard, informação verbal).¹⁰

Os migrantes que permanecem em Gurupi trabalham principalmente para continuar a existir fisicamente. Mas, sem poder enviar dinheiro em seu próprio nome, sua representação diante de sua família se enfraquece e ele se sente mais ausente no local de origem. Esse sentimento foi revelado também nas pesquisas realizadas por A. Sayad com migrantes argelinos na França que sofrem de uma dupla ausência (SAYAD, 1999).

Em Gurupi, a vida é cara e o salário recebido não atende a todas as necessidades dos imigrantes. Mas eles estão resignados, porque não encontraram nada melhor e sabem que, apesar das dificuldades, sua qualidade de vida é melhor em Gurupi do que no Haiti. Os migrantes que permanecem em Gurupi ainda moram lá porque são da mesma família de origem no Haiti e continuam ajudando uns aos outros; caso bem diferente de outros migrantes que foram embora para outras cidades ou para Estados Unidos. Na esperança de encontrar algo melhor, os migrantes ainda preferem continuar em Gurupi e viver como familiares.

Não sei quanto é o salário mínimo em outros estados brasileiros. Mas é claro que aqui em Gurupi fornecemos um trabalho duro para receber um salário que permite apenas sobreviver. Às vezes, nossas famílias do Haiti estão sofrendo e não podemos ajudá-las porque o nosso salário não é suficiente. Além disso, o estilo de vida é caro. A respeito do nosso salário, gastamos quase tudo antes mesmo do final do mês. Mas se um cara não quer renunciar, tem que sofrer até

10 No original: “Gurupi pa gen okenn biwo transfè. Pou m transfere lajan pou fanmi mwen, mwen pale ak yon ansyen kolèg ki te travay isit la nan menm konpayi avè m, men kounye a li ap viv Santa Catarina. Kote l ap viv la gen plizyè biwo transfè. Mwen voye lajan an ba li epi li voye l pou mwen. Men, lajan an pa janm rive an Ayiti sou non mwen. E sa se yon gwo pwoblèm pou mwen e pou anpil lòt Ayisyen. Sa se youn nan rezon ki fè Ayisyen yo kite Gurupi. Yo santi yo pa twò prezan nan pwòp fanmi yo. Men, mwen menm mwen reziye m.”

que a empresa decida pagar o dinheirinho do próximo mês de trabalho. Apesar de tudo, aqui é melhor do que no Haiti. Nós vivemos juntos em fraternidade porque somos de fato da mesma família (Fanfan, informação verbal).¹¹

Se esses trabalhadores decidiram ficar em Gurupi porque são membros de uma mesma família, algo completamente diferente se deu para os outros trabalhadores que estiveram lá e foram embora. Além de tudo, não há uma vida associativa entre os haitianos e o processo de integração na comunidade gurupense foi muito lento. Apenas alguns deles iam à Igreja.

Os trabalhadores haitianos revelaram que não há festa comum nem mesmo no dia da Independência do Haiti. Eles vivem exclusivamente para e pelo trabalho, enquanto em outras comunidades diaspóricas haitianas no Brasil existem festas haitianas e associações que defendem os direitos dos haitianos. Todas essas razões explicam o desaparecimento progressivo do grupo de trabalhadores haitianos de Gurupi.

Considerações Finais

Por meio deste artigo, buscamos conciliar pesquisas realizadas sobre a imigração haitiana no Brasil e os resultados de nosso trabalho de campo para descobrir um novo trajeto percorrido por uma rede migratória de trabalhadores haitianos que saíram de Caracas (Venezuela) para Manaus (Brasil) a procura de empregos e uma vida melhor. A saturação do mercado de trabalho em Manaus preparou o caminho da imigração haitiana para Tocantins, incentivada por empresas que trabalham no processamento de carne. Assim, a partir de Manaus, uma pequena comunidade de trabalhadores haitianos se estabeleceu em Gurupi, mas essa comunidade desapareceu ao longo do tempo.

Neste trabalho, tentamos compreender os motivos que conduziram a uma redução da comunidade de trabalhadores haitianos no município de Gurupi usando o conceito de “redes”, que permite abordar as múltiplas estruturas nas quais os imigrantes haitianos de Gurupi estão inseridos e participam simultaneamente, bem como os entraves à sua ampliação. Esses migrantes criam redes diaspóricas, mas várias razões comprometeram sua permanência em Gurupi, sendo que, em vez de atrair novos fluxos migratórios, o grupo de imigrantes em Gurupi tende ao desaparecimento. Por meio deste trabalho, foi possível verificar que a razão desse desaparecimento é o fato de a comunidade haitiana de Gurupi constituir-se numa rede diaspórica isolada, que não consegue manter a totalidade de seus laços com o país de origem (laços fortes) e, ao mesmo tempo, não foi capaz de se conectar plenamente a outras redes (laços fracos) presentes nas grandes cidades. Essa conexão seria especialmente importante para a manutenção dos laços com seu país de origem, especialmente no que se refere à transferência de dinheiro (*kòb*) para suas famílias que permanecem no Haiti. A incapacidade de manutenção dos laços dessa rede isolada com o país de origem motiva o desaparecimento da rede de migrantes de Gurupi, que termina sendo absorvida por outras comunidades mais fortes.

Os dados obtidos com essa pesquisa sobre a migração de trabalhadores haitianos em Gurupi mostraram que essa rede não foi reforçada com a vinda de outros trabalhadores porque Gurupi não dispõe de estrutura suficiente para que os migrantes se sintam atendidos em sua necessidade de manter adequadamente os laços entre eles e suas famílias no Haiti.

11 No original: “Mwen pa konnen konbyen kòb salè minimòm nan ye lòt eta Brezil yo. Men, sa ki sèten, isit la nan Gurupi nou founi yon travay ki di anpil pou n ka manje. Gen pafwa fanmi nou konn ap soufri epoutan nou pa ka lonje men ba yo paske ti kòb nou resevwa nan travay la piti. Anplis, vi a chè. Ti kòb konpayi a ba nou an, nou gen tan fin depanse prèske tout anvan mwa a fini. Men si yon nèg ou pa reziye w ou rete soufri jiskaske konpayi a deside voye ti tchotchò lòt mwa a pou ou, se ou k ap wè l paske malgre w tande tout bagay la a miyò pase Ayiti. Nou aranje nou pou nou viv tankou frè. Si se pa sa nou pa t ap ka kenbe.”

Referências

ANGLADE, G. **Espace et liberté en Haïti**. Montréal: ERCE, 1982.

ASSIS, G. O. A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo – As experiências de e/imigrantes em viagens não-autorizadas no mundo global. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 31, p. 219-250, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332008000200011> Acesso em: 22 jun. 2019.

AUDEBERT, C. The recent geodynamics of Haitian migration in the Americas: refugees or economic migrants? **Revista Brasileira de Estudos de População**, Belo Horizonte, v. 34, n. 1, p. 55-71, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20947/S0102-3098a0007> Acesso em: 10 fev. 2018.

BAENINGER, R.; PERES, R. Migração de crise: a migração haitiana para o Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Belo Horizonte, v. 34 n. 1, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20947/s0102-3098a0017> Acesso em: 2 out. 2017.

BRASIL. Departamento da Polícia Federal. Superintendência Regional de Tocantins. Delegacia Regional Executiva. Delegacia de Polícia de Imigração. **Ofício nº 68/2018** – DELEMIG/DREX/SR/PF/TO. Palmas: PF, 2018.

BUGA, N. **Les diasporas comme système d'intégration dans l'économie mondiale**. Tese (Doutorado em Ciências Econômicas) – Université de Grenoble, Grenoble, 2011.

DE LA CRUZ, E. E. R. **Análisis de redes sociales para el estudio de la gobernanza y las políticas públicas**: aproximaciones y casos. In: DE LA CRUZ, Edgar E. Ramírez (Org.). México, DF: Centro de Investigación y Docencia Económicas, 2016.

FERNANDES, D.; FARIA, A. V. A diáspora haitiana no Brasil: processo de entrada, características e perfil. In: BAENINGER, Rosana et al. (Org). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial 2016. p. 95-111.

GRANGER, S. L'Amazonie brésilienne, nouvelle interface migratoire entre les caraïbes et l'Amérique du sud? **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 7-17, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4215/RM2014.1301.0001> Acesso em: 7 fev. 2018.

GRANOVETTER, M. S. The Strength of Weak Ties. **The American Journal of Sociology**, Chicago, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2776392?seq=1> Acesso em: 29 jan. 2019.

HAITIANOS e senegaleses chegam para trabalhar em frigorífico do Tocantins. **G1 Tocantins**, 18 dez. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2013/12/haitianos-e-senegaleses-chegam-para-trabalhar-em-frigorifico-do-tocantins.html> Acesso em: 15 nov. 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Gurupi. **Portal Cidades@**, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/gurupi/panorama> Acesso em: 23 jan. 2018.

JOSEPH, H. **Diaspora**: as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MAMED, L; LIMA, E. O. Movimento de trabalhadores haitianos para o Brasil nos últimos cinco anos: a rota de acesso pela Amazônia sul ocidental e o acampamento público de imigrantes do

Acre. In: BAENINGER, Rosana et al. (org). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial 2016. p. 113-171.

MIURA, H. H. The Haitian Migration Flow to Brasil: Aftermath of the 2010 Earthquake. In: GEMENNE, François; BRÜCKER, Pauline; IONESCO, Dina (Org.). **The State of Environmental Migration 2014**. Paris: SciencesPo, 2014. p. 149-165. Disponível em: <https://www.iom.int/files/live/sites/iom/files/What-We-Do/docs/SEM2015-29dec.pdf> Acesso em: 23 abr. 2019.

PERES, R. Imigração e gênero: as mulheres haitianas no Brasil. In: BAENINGER, Rosana et al. (Org). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 267-286.

SARMIENTO, G. S. **Diagnóstico sobre las migraciones caribeñas hacia Venezuela**. Buenos Aires: PLACMI-OIM, 2000.

SAYAD, A. **La double absence: des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré**. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

SILVA, S. A. Entre o Caribe e a Amazônia: haitianos em Manaus e os desafios da inserção sociocultural. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 88, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142016.30880010>. Acesso em: 24 maio 2020.

_____. Fronteira amazônica: passagem obrigatória para haitianos? **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, ano 23, n. 44, p. 119-134, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/remhu/v23n44/1980-8585-REMHU-23-44-119.pdf> Acesso em: 16 fev. 2018.

THOMAZ, D Z. Migração haitiana para o Brasil pós-terremoto: indefinição normativa e implicações políticas. **Primeiros Estudos**, São Paulo, n. 4, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-2423.v0i4p131-143> Acesso em: 22 out. 2017.

Recebido em 28 de maio de 2020.

Aceito em 26 de junho de 2020.